

humano, tanto quanto são formas diferenciadas de abstracção sobre a matéria humana. Nesta perspectiva, *Political Hypocrisy* representa uma tradição da teoria política em que a dimensão dramática e o sentido da realidade estão constantemente presentes. Entre o *is* e o *ought to be*, David Runciman percorre as vicissitudes da hipocrisia no contexto da filosofia política liberal, um percurso marcado por uma incontornável tensão e pela emoção própria das contingências de um drama.

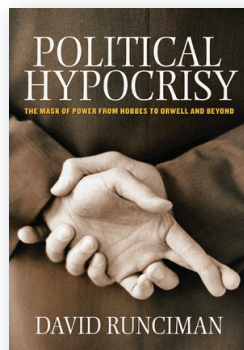
A sequência de autores que Runciman convoca no livro pode surpreender pelo inesperado e pelo tema – Thomas Hobbes; Bernard Mandeville; Benjamin Franklin, John Adams e Thomas Jefferson; Jeremy Bentham; Anthony Trollope, John Morley e Henry Sidgwick; George Orwell. A escolha heterodoxa justifica-se pela tentativa de encontrar um discurso coerente sobre a hipocrisia no pensamento político liberal, o que justifica a selecção de Autores que representam uma tendência anti-hipocrisia enquanto persistentes e impenitentes *truth-tellers*. A moral, se de facto existe uma moral, reside na aceitação da hipocrisia como um facto corrente da política liberal e democrática – reconhecimento que não exige resignação, nem impõe uma adesão cínica. A solução de Runciman implica a cessação do esforço de erradicação de todas as variedades da hipocrisia, impondo o reconhecimento de um limite, a identificação de uma categoria benigna e a denúncia de uma espécie maligna. Finalmente, surge a proposta para o fim de uma saga que se transformou no grande fetiche da política liberal – a concretização do ideal da sinceridade e da autenticidade como virtudes cardeais do homem político. No discurso de David Runciman, a hipocrisia política não se libertou da realidade do vício a que sempre pertenceu. No entanto, quando se começa a distinguir e a adjectivar um vício caminha-se tranquilamente na direcção do relativismo.

O tema da sinceridade e da autenticidade é um clássico da teoria política. Jean-Jacques Rousseau será um Autor imediatamente convocado pela memória mais ilustrada e em defesa da revelação do autêntico e do genuíno, não apenas no político, mas de todos nós através do político. Mas Rousseau está também no centro da meditação de Bernard Williams em *Truth and Truthfulness* (2002) a propósito dos perigos de uma autenticidade procurada ou imposta enquanto valor supremo. Em *Political Hypocrisy*, o capítulo sobre George Orwell (curiosamente, ou não, um jornalista e escritor) será o que remete o leitor para a evidência de uma longa agonia no conceito de autenticidade e na exigência da verdade elevados ao extremo de uma situação limite. No romance *Nineteen Eighty-Four* quando Winston Smith é conduzido à sala de interrogatório, o fatídico *Room 101*, depara-se com a simplicidade pura da nudez de um gabinete anónimo. Não existe sofisticação, não é visível qualquer representação da ameaça, visão do inferno ou promessa de violência. O vazio da sala está desenhado para ampliar, à dimensão do insuportável, a verdade mais profunda que Winston Smith julga segura no silêncio da alma ou no conforto do cérebro. Cada indivíduo

é habitado por um fantasma, espécie de terror ou medo absoluto que, para não o dominar, tem de ser dominado pela auto-ilusão e pela dissimulação. No entanto, em *Nineteen Eighty-Four* não existe um espaço livre e impermeável à política, toda a verdade é a verdade política, toda a mentira é a verdade política e o território interior e íntimo do indivíduo é também uma verdade manipulável e política. É o mundo em que a máscara política se esconde na sombra de uma outra máscara, em que a hipocrisia tanto pode ser um capricho do Poder como pode simplesmente ser dispensada a favor de uma verdade insuportável e fatal no delírio de pureza. Se a hipocrisia é simulação, dissimulação e mentira, não será infinitamente mais humano tolerar a máscara da hipocrisia em Winston Smith? Qualquer que seja a resposta, sempre volátil e complexa, esta descreverá sempre uma inquietação que constantemente reinventa o dilema humano no mundo da política e que a narração alegórica de Orwell revela enquanto constante moral face a uma versão patológica da verdade.

Torna-se óbvio que a colecção de ensaios pretende ultrapassar uma lacuna, atribuída à teoria liberal, relativamente à reflexão sobre a presença e necessidade da hipocrisia na política. Existem duas versões da acusação. A primeira visão, a mais moderada, afirma que

A hipocrisia política é um facto da existência humana. Verdadeiro. Mas quando o homem se torna insensível à hipocrisia, tal só pode significar que passa pelo mundo sem alma.



Political Hypocrisy
The Mask of Power, from
Hobbes to Orwell and
beyond

David Runciman

Princeton University Press

2008

a teoria liberal estará tão comprometida com o ideal da autenticidade e da verdade que simplesmente não entende a inevitabilidade da hipocrisia na acção política. Uma segunda avaliação, a mais radical, sublinha que a teoria liberal terá um profundo entendimento da hipocrisia, mas ao simular deliberadamente uma falsa inocência, transforma-se numa manifestação suprema da hipocrisia. Face a esta equação de variável dupla, a proposta de Runciman limita-se ao reconhecimento de uma evidência realista no contexto de uma análise localizada nas circunstâncias do tempo e da teoria, com momentos brilhantes, mas que por vezes se perde no deleite intelectual pelo paradoxo.

No final, a leitura de *Political Hypocrisy* abandona o *compagnon de route* no incómodo mundo da fatalidade. O leitor interroga-se sobre o lugar e a importância da virtude na política. No livro não existem valores, princípios, um ténue gesto que seja de exigência moral ou da simples necessidade de dominação da natureza animal que habita o Homem. Afinal, o auge da civilização continua a ser o lugar da besta.

Em *Les Rêveries du promeneur solitaire*, Rousseau faz a distinção entre o homem moral e o homem bom. O homem moral age animado pelo sentimento do dever e tem o carácter do cidadão verdadeiro. O homem bom segue o seu instinto natural, uma primeira natureza imune à corrupção da vaidade. O homem político de Runciman não é bom nem é moral, mas responde exclusivamente às circunstâncias, numa sequência em que a necessidade e a superação instantânea são uma segunda natureza. De certa maneira, o livro de Runciman convida à resistência para não provocar o desespero.

A hipocrisia política é um facto da existência humana. Verdadeiro. Mas quando o homem se torna insensível à hipocrisia, tal só pode significar que passa pelo mundo sem alma. ●